

O idioma singular e a sua relação com os objetos em Christopher Bollas

The personal idiom and its relation with objects in Christopher Bollas

KRÜGER, L.¹

Sigmund Freud Associação Psicanalítica.
Rua Marquês do Pombal 783, sala 605. Porto Alegre.
Lucas.kruger@hotmail.com

Resumo: Este escrito pretende ser introdutório ao pensamento de Bollas acerca do que concerne o conceito de *idioma* em sua obra e a maneira com que o *idioma* se desenvolve e relaciona-se com os objetos. Para auxiliar no entendimento, alguns aspectos teóricos de Freud e Winnicott também são abordados.

Palavras-chave: idioma, self verdadeiro, uso do objeto, objeto transformacional, objeto evocativo

Abstract: This writing intends to be introductory to the thought of Bollas about the concept of idiom in his work and the way in which the idiom develops and is related to objects. To aid understanding, some theoretical aspects of Freud and Winnicott are also addressed.

Keyword: idiom, true self, object usage, transformational object, evocative object

A psicanálise vai se desenvolvendo em rumos diversos a medida que surgem releituras de conceitos anteriores e novas criações a partir destes. Bollas encara a teoria e a clínica psicanalítica a partir do olhar advindo de sua construção teórica. Ou seja, a encara sempre como um potencial a ser desenvolvido, jamais totalmente integrada e acabada. É relacionando-se profundamente com os objetos-clínico teóricos que pode advir alguma transformação. O que Bollas entende por *self*, ou o *idioma* (termo cunhado por ele) é um desses exemplos de como fazer uso das teorias já existentes como objetos-teóricos disponíveis ao psicanalista.

Há, portanto, duas grandes influências declaradas de sua visão acerca do self, ainda que outras influências também façam parte desta construção teórica. Essencialmente, Bollas faz uso de uma ideia de Freud e outra de Winnicott e, recolocando-as em um novo contexto, cria o conceito de

¹ Psicólogo - Psicanalista

idioma. Consequentemente, tal conceito se torna um diferencial na forma de enxergar como se daria o funcionamento do aparelho psíquico como um todo. Há em Bollas um realce na qualidade da experiência relacional, no sentido da forma, portanto estética.

Aos poucos, vamos adentrar no *idioma*. Começemos por lembrar algumas passagens do texto de Freud que creio serem fundamentais ao pensamento de Bollas quanto ao conceito. Em seguida, compararemos o pensamento de Bollas com o de Winnicott para, na sequência, elucidar da maneira mais completa possível o tema-título deste escrito, ainda que seja uma tarefa árdua explicar, e se fazer profundamente entendido, um conceito central na obra do autor sem que seja evocada toda a sua gama conceitual para a interlocução. De qualquer maneira, há esperança de que este escrito seja uma boa forma de introduzir o conceito para os não familiarizados com os termos que Bollas costuma utilizar em suas construções teóricas.

Começando por Freud

Para conceituar o que seria o idioma próprio de cada um de nós, seres humanos, Bollas faz uso do que Freud aponta como herdado, tanto do ponto de vista biológico, como do ponto de vista de um inconsciente transgeracional, um inconsciente ligado a ancestralidade que viria já impresso no sujeito desde sempre. Bollas acredita que a combinação dessas marcas prévias são como um núcleo essencial do *self*. Tal concepção seria o equivalente psíquico de uma impressão digital, já que cada ser humano possui uma única, não há outro que possua uma igual. ²

Ao longo de sua obra, Freud remete-se a algo que seria prévio a experiência de vida. Ele sempre reconheceu que suas descrições a partir das experiências poderiam ser insuficientes e que haveriam fatores para além da experiência de vida que influenciavam o funcionamento psíquico. Esse posicionamento de Freud é muito claro em *Totem e Tabu* (1913), onde assinala que as vivências arcaicas de um tempo primitivo da humanidade, mantinha-se, filogeneticamente, ao longo de gerações.

Podemos ressaltar, também, dentre outras passagens em sua obra, a da Conferência XXIII (1917), em que Freud³ escreve sobre tendências instintuais como disposições inatas que seriam efeitos secundários de experiências vividas por ancestrais. Uma parte considerável dos psicanalistas (em especial os de escola francesa) tendem a desconsiderar as passagens em que Freud

² Bollas, C. (2002, p 185.): “Então, qual é o correlato psíquico da impressão digital humana? Eu acho que isso é algo psicologicamente tão singularmente distinto em cada recém-nascido quanto a diferença irreduzível de uma impressão digital. E, como não sei de onde vem essa intuição, presumo que esteja na predisposição genética. E é claro que faz parte da existência fetal.” (Tradução livre)

³ (Freud, 1917[1916-17], p. 363)

refere-se ao filogenético e/ou disposições orgânicas desconhecidas, no desenvolvimento patológico ou não, preferindo aliar apenas ao que tange o campo mais estritamente psíquico-vivencial e cultural.

A questão do herdado se faz presente em outros textos bastante representativos na obra freudiana. Em “História de uma neurose infantil” (1918[1914]), Freud remete-se ao herdado filogenético aliado a experiência: “Essas cenas de observação das relações sexuais entre os pais, de ser seduzido na infância e de ser ameaçado com a castração são inquestionavelmente um dote herdado, uma herança filogenética, mas podem também facilmente ser adquiridas pela experiência pessoal”⁴. E, apontamento similar ocorre em “A dissolução do Complexo de Édipo” (1924), onde ele indica uma pré-disposição inata que alia-se aos fatores ambientais e “acidentais” da vida, como formadores do Complexo de Édipo. Já, em o Ego e o Id (1923), Freud indica que o Id carregaria tudo que seria da ordem filogenética ancestral, inclusive as heranças do totemismo, que são bases da criação do superego. Enquanto que, em “Moisés e o Monoteísmo” (1939[1934-1938]), está escrito: “Aquilo que pode ser operante na vida psíquica de um indivíduo pode incluir não apenas o que ele próprio experimentou, mas também coisas que estão inatamente presentes nele, quando de seu nascimento, elementos com uma origem filogenética – uma herança arcaica”⁵. No mesmo texto consta, ainda, que “a herança arcaica dos seres humanos abrange não apenas disposições, mas também um tema geral: traços de memória da experiência de gerações anteriores”⁶.

Bollas prefere citar mais diretamente um trecho do “O Inconsciente” de Freud: “...poderíamos comparar o conteúdo do *Ics* a uma população psíquica ancestral. Se for verdade que há no homem formações psíquicas herdadas, talvez semelhantes ao instinto (*Instinkt*) animal, elas seriam o cerne do *Ics*.”⁷ Isto, que seria de uma ordem “inata”, faz parte da teorização de Bollas. “Inata”, entre aspas, pois a vida fetal e intrauterina está incluída na teoria de Bollas, ao contrário da teoria freudiana. Há apenas, uma passagem brevíssima⁸, na obra de Freud, que poderia dar margem a pensar que a vida intrauterina de alguma maneira foi considerada, apesar de claramente tal ideia não ser efetivamente levada em conta na metapsicologia freudiana. Tais pensamentos e descrições

⁴ (Freud, 1918[1914], p. 104)

⁵ (Freud, 1939[1934-38], p.112)

⁶ (Freud, 1939[1934-38], p.113)

⁷ Freud, S. (1915). O Inconsciente. In. Escritos sobre a psicologia do Inconsciente, V.1 – Obras Psicológicas de Sigmund Freud / tradução de Luiz Hanns. São Paulo: Imago, 2004.

⁸ A passagem em questão, se coloca em um contexto onde fica explícito que pretende mais criticar as ideias de Otto Rank acerca do trauma do nascimento do que de fato propor alguma conceitualização acerca da vida intrauterina. “Há bem mais continuidade entre vida intrauterina e primeira infância do que nos faz crer a notável ruptura do ato do nascimento.” (Freud, 1926/2014, p.59)

de Freud acerca do que é herdado são parte do que Bollas conceitua como o cerne do *self*, o *idioma próprio*. Guardemos essas noções freudianas para que possamos entender melhor o conceito de Bollas posteriormente.

Indo na direção de Winnicott

Quanto a Winnicott, Bollas expõe sua influência e também a sua crítica. Ambos pensam o núcleo do *self* como algo herdado e ressaltam a importância do ambiente para o bom desenvolvimento deste núcleo inicial. Ele, inclusive, por vezes utiliza os termos *self* e *self verdadeiro* sem fazer maior distinção quanto ao termo *idioma* e não se ocupa muito das distinções winnicottianas de verdadeiro e falso *self*, concentrando-se no que estaria no espectro do verdadeiro; e acentuando as múltiplas possibilidades de desenvolver o seu *self-essência*⁹, o idioma.

Bollas propõe que, desde o princípio da vida, ocorrem experiências transformacionais a partir da relação com o objeto. Por exemplo, o *self* do bebê é afetado e transformado a partir da relação com a mãe. Esta experiência de ser transformado pelo outro permanece como memória a ser acessada e repetida. É uma memória de processo, não de conteúdo. A vivência estética desse momento transformacional é buscada incessantemente ao longo da vida. Para ele, a mãe e os objetos possuem uma função transformacional, e é relacionando-se com esta função contido no objeto que o idioma pretende desenvolver-se.¹⁰

O idioma possui uma propulsão a desenvolver-se, chamada por Bollas de *destiny drive*¹¹: há uma busca de um prazer estético de desenvolvimento do idioma através dos objetos. Tal pulsão busca, através das relações objetais, desenvolver esteticamente cada vez mais o idioma próprio. Em termos freudianos, seria que haveria uma satisfação pulsional em realizar encontros objetais que permitam movimentos estético-transformacionais em seu *self*. O destino (*destiny*) aqui, não é algo pré-determinado, mas sim algo que destina-se, lança-se a um futuro. Seria o contrário de fado (*fate*). Pois, para Bollas, estar fadado seria ter sua vida psíquica cerceada e direcionada pelo acontecimentos, viver submetido e preso a vivências anteriores. Viver preso no passado, sem a possibilidade de destinar-se. Estar fadado seria como que viver numa repetição do trauma, por exemplo, onde a vivaz experiência estética do desenvolvimento idiomático não consegue operar. Estar fadado é viver aprisionado a qualquer questão interna que impeça o desenvolvimento

⁹ “Se devemos estabelecer uma teoria para o *self* verdadeiro, acho que é importante enfatizar com esse *self-essência* é a presença singular do ser que cada um de nós é; o idioma da nossa personalidade”. (Bollas, 1989, p.21)

¹⁰ Bollas, C. (1987). O objeto transformacional. In: A Sombra do objeto: psicanálise do conhecido não pensado / tradução de Fátima Marques – São Paulo: Escuta, 2015.

¹¹ Na edição brasileira, o termo foi traduzido por “pulsão do destino”.

saudável-estético do idioma¹². Seria como que perder espaços, partes do funcionamento do *self*, deixando estados internos dominados por matrizes traumáticas e impedidas de fazer um uso criativo dos objetos. Portanto, a ideia de destino em Bollas atrela-se uma boa capacidade de seleção e bom uso dos objetos com propósitos transformacionais, num sentido de crescimento, do *self*.¹³

Volto-me naturalmente ao conceito de Winnicott do *self verdadeiro* para indicar o que acredito ser este algo anteriormente não vivido. No entanto, discordo ligeiramente dele, pois não creio que esse *self verdadeiro* deve ser identificado como o id e diferenciado do ego. Penso que Winnicott estava mais perto da verdade quando afirmou que, por *self verdadeiro* ele queria dizer a disposição herdada, e como o id é a presença psíquica dos instintos corporais, todas as representações do id envolvem, então a organização do ego.¹⁴

Bollas não aponta um lugar específico para o *self* dentro destas terminologias. O *self* estaria em todas elas, não como estrutura, não como algo integrado e sim como algo que permeia toda a vida psíquica. Afirma ele que “o *self* não se desenvolve de maneira inconsciente; ao contrário, **o *self* é o inconsciente**, uma presença interna muito particular, confiavelmente vetoriado pelas formas que o ‘id’ usa para descobrir sua forma de expressão.”¹⁵ Esta sim é a grande diferença de seu pensamento em relação a Winnicott. Enquanto Winnicott trabalha conceitualmente a partir de uma ideia de um desenvolvimento integrativo, onde desde a experiência primária haveria uma tendência integrativa, ou uma não-integração, em se tratando de patologia, para Bollas o *self* não possuiria uma forma única e integrada. Sua ênfase recaí em variados estados de *self* e presentificações, que viveriam em todas as camadas internas.

Não existe nenhum fenômeno mental unificado a que possamos chamar de *self*, embora eu devesse usar este termo como se fosse uma unidade; é verdadeiro dizer que todos nós vivemos sob o domínio da ilusão e, neste domínio, o conceito de *self* tem um sentido relevante. Ao longo da existência, objetivamos, conhecemos e nos relacionamos com muitos estados diferentes de nosso ser. As realidades emocionais e psicológicas trazem com elas estados que se tornam parte da nossa história. O conceito de *self* deveria se referir às posições ou pontos de vista a partir dos quais, e por meio dos quais, percebemos, sentimos, observamos e refletimos sobre experiências distintas e separadas de nosso ser. Um ponto de vista essencial vem por meio do outro que nos vivencia.¹⁶

¹² Apesar da ideia de fado possuir as singularidades citadas, a fins didáticos Bollas afirma: “posso associar o sentido do fado ao conceito de falso *self* e à ideia de Winnicott sobre o viver reativo. E essa pessoa, frustrada na própria essência do seu ser e relacionar-se, irá projetar em seus objetos internos aspectos extraídos desse *self verdadeiro*, dando assim aos objetos internos um certo poder adicional para fadar a sua vida.” (Bollas, 1989, p.47-48)

¹³ Esta ideia está presente no capítulo “A pulsão do destino” (p.37-65) do livro “Forças do destino”.

¹⁴ (Bollas, 1987, p. 308). Pensamento presente no capítulo “O conhecido não-pensado: primeiras considerações”.

¹⁵ Pag 36 do sendo um personagem, cap sendo um personagem.

¹⁶ (Bollas, 1987, p. 45)

Seguindo o desenvolvimento do idioma

Na abertura do livro “Forças do destino: psicanálise e idioma humano”, Bollas assinala sua “Tese: o idioma humano é aquela peculiaridade da pessoa que encontra sua própria maneira de ser por meio da seleção e uso particulares do objeto.”¹⁷ Para ele, dentre as funções da análise, estaria a do analisando se sentir livre para poder usar o analista como um objeto “através do qual articula e elabora o seu idioma”.¹⁸

Como apontado anteriormente, para Bollas há um núcleo idiomático preconcebido¹⁹, uma inscrição prévia, inclusive do ponto de vista filogenético. E, para além de levar em conta o que seria herdado, não desconsidera as vivências intrauterinas: “a experiência de cada feto dentro do útero irá, também, contribuir para o idioma da personalidade do bebê, como também, o nascimento”.

Porém, esta preconcepção não significa que estejamos diante de um caminho pré-traçado. Esta marca psíquica única de cada ser, tal qual é a impressão digital no âmbito corpóreo, é um potencial que pode ou não ser desenvolvido. As relações com o ambiente possuem papel predominante no desenvolvimento psíquico e estas relações são cruciais para como se desenvolveria este núcleo inicial. Nosso idioma encontra sua expressão através das escolhas e usos dos objetos que estão a sua disposição no meio. “Se a mãe conhece seu bebê, se percebe suas intenções esboçadas, seu gestual que expressa a necessidade e o desejo, irá prover objetos (incluindo ela própria) para servir como elaboradores experimentais do seu potencial”²⁰. Portanto, a mãe é um objeto fundamental e participante para o desenvolvimento do idioma.

O idioma é o cerne do *self*, mas também do Inconsciente, afinal é das relações iniciais entre o idioma de cada um com o mundo externo que há a complexização psíquica. É destas relações idiomáticas que, esteticamente, o “mundo” do sujeito se constrói e se movimenta. “O inconsciente reprimido primário talvez consista, originalmente, do potencial herdado e em seguida daquelas regras para o ser e relacionar-se que são negociadas entre o *self* verdadeiro da criança e o idioma dos cuidados maternos”²¹. Bollas afirma não se opor a conceitualização da vida

¹⁷ (Bollas, 1989, página não numerada, anterior ao sumário)

¹⁸ (Bollas, 1989, p. 20)

¹⁹ Bollas fala da influência do pensamento de Bion acerca da preconcepção, não exatamente relacionando-a ao idioma, em “Transformações psíquicas” (p.2-3), no livro “Momento Freudiano” (2007). E, no livro “Forças do destino” escreve: “De acordo com Bion, os bebês nascem com preconcepções inatas, que se confrontam através da experiência, e levam a realizações propiciadoras de uma concepção. O *self* verdadeiro é um idioma extremamente complexo das preconcepções da personalidade, que se tornam realidade por meio das experiências da vida em ressonância com a preconcepção.” (Bollas, 1989, p.32)

²⁰ (Bollas, 1989, p.22)

²¹ (Bollas, 1989, p.25)

instintiva/pulsional²², do ponto de vista somático/erógeno de Freud, mas prefere trabalhar teoricamente a partir de sua própria conceitualização. Tampouco, diminui a importância da psicosexualidade freudiana, inclusive possui um livro inteiramente dedicado a histeria²³. Mas, ao menos a respeito do que concerne o *self*, sua intenção teórica é ressaltar mais os processos transformacionais do que colocar o foco em uma teoria pulsional. Bollas não exclui as noções de conteúdos inconscientes e seus registros, está apenas imbuído a elucidar os registros procedurais, marcas internas referentes aos processos de transformação. Ou seja, *a posteriori*, o sujeito e suas relações estariam atravessados pelas suas marcas singulares de conteúdo psíquico, como pensa Freud, mas também por marcas de processos internos, transformacionais, que inauguram-se a partir das primeiras vivências com a mãe. A proposta de Bollas e de Freud são como duas modalidades complementares, não excludentes, de pensamento. É importante para Bollas, afirmar que haveria uma busca por esses processos transformacionais idiomáticos nas relações de objeto subsequentes.

As regras armazenadas no inconsciente reprimido primário diferem dos conteúdos mentais que são reprimidos para o inconsciente do sistema. *O inconsciente reprimido secundário armazena os pensamentos* que dão origem a outras ideias derivadas, já que procuram uma representação disfarçada na consciência. *O inconsciente reprimido primário armazena processos* (do vivenciar do *self* e do relacionar do *self*-outro).²⁴

Neste inconsciente reprimido primário residiria algo que é da ordem do *conhecido não pensado*. E este conhecido não pensado influenciaria toda a vida psíquica posterior.

Se o conhecimento ainda não pensado começa com as disposições herdadas, o bebê logo ficará ciente das normas do inter-relacionar-se por meio da relação com a mãe, e isso também virá a se tornar uma característica do conhecido ainda não pensado. Esse conhecimento é composta por todas aquelas “regras” do ser e relacionar-se transmitidas ao bebê (e depois à criança) pela mãe e pelo pai, e essa transmissão se dá mais por paradigmas operacionais do que, a princípio, através do discurso ou do pensamento representacional. Em outras palavras, a criança aprende teorias para a administração do *self* do outro meio da maternagem da mãe. Como o idioma transformacional da mãe altera o mundo interno e externo do bebê e da criança, cada transformação se torna um paradigma...²⁵

Não há como estudar isoladamente o idioma próprio. Ele é estético e não estático, é um potencial que depende da qualidade da relação objetal para se manifestar e também se desenvolver.

²² “Não afirmo que a vida instintual não exista. Simplesmente não concedo esta primazia que Freud lhe atribui. Impulsos somáticos agem todo o tempo sobre a mente. As pulsões do id exigem expressão, uma tarefa realizada pelo ego. Mas, cada pessoa organiza o id de modo diferente, e esse desenho único de um de nós é mais fundamental para a escolha e uso de um objeto, do que energéticos requisitos do soma, os quais expressam o idioma do *self* verdadeiro.” (Bollas, 1989, p.24, nota de rodapé)

²³ Bollas, C. (2000). *Hysteria* / tradução de Monica Seincman – São Paulo: Escuta, 2000.

²⁴ (Bollas, 1989, p.25-26)

²⁵ (Bollas, 1989, p.27)

Isto vale para objetos internos, objetos-sujeitos e também objetos do mundo externo, da cultura, inclusive os inanimados, sejam estes utensílios domésticos, alguma música, a arquitetura, uma árvore, etc. O ego (especialmente sua parte inconsciente) da vida adulta é quem opera as negociações entre o idioma e o mundo.

Para além do caráter transformacional que há nos objetos, eles possuem um caráter evocativo, pois “alguns objetos são dotados com nossos estados do self durante o curso de nossa vida, objetos mnêmicos que algumas vezes liberam estados anteriores”²⁶. E, segundo Bollas, eles podem nos estimular pelo menos de seis modos: sensivelmente, estruturalmente, conceitualmente, simbolicamente, mnemicamente e projetivamente. Só no campo sensorial, já haveria o paladar, tato, visão, audição, olfato...Logo, todo e cada objeto, interno ou não, ser vivo ou inanimado, pode evocar uma gama extraordinária de inúmeras composições relacionais e de estados internos de self. Como se trata sempre de partes e estados de *self*, não estamos falando de um desenvolvimento linear e integrativo de *self*. Estaríamos falando de *selves*, no plural, todos com perspectiva de desenvolvimento futuro. É, justamente, a maneira de se relacionar com todos eles que determina a vida psíquica. Como dito anteriormente, não se trata de evocar conteúdos, mas sim de evocar processos que estão contidos e/ou facilitados em determinados objetos, seja a partir de relações previamente experimentadas, ou até mesmo de relações inéditas. Afinal, há também a busca pelo inédito através dos objetos, tal qual foi inédito, primeiramente, ser transformado pela relação objetal com a mãe. E, obviamente, cada vivência com cada objeto é uma experiência de forma, qualitativa, estética. “Podemos processar nossas unidades de experiência de diversas maneiras: podemos representar um episódio visualmente, linguisticamente, somaticamente, sonoramente, gestualmente ou interpessoalmente.”²⁷ O mesmo, vale para o campo transferencial, na análise.

*O uso do self verdadeiro de um analista é a força do idioma descobrindo-se por meio das experiências do objeto. Embora, algumas vezes, esse uso idiomático do analista possa revelar padrões de personalidade, o objetivo do analisando não é comunicar um texto-paradigma criança/pais, mas descobrir experiências para estabelecer o self verdadeiro na vida.*²⁸

Neste sentido, é importante que o analista saiba das intenções idiomáticas inconscientes do analisando, para esteja disponível como um objeto de uso para o analisando durante a sessão, não apenas do ponto de vista da repetição de conteúdos. A questão seria de que, assim como nos primórdios, há uma “expectativa” do self em se realizar uma experiência transformacional na

²⁶ Bollas, C. (1992, p.21)

²⁷ Bollas, C. (1992, p.25)

²⁸ Bollas, C. (1989, p.29)

relação objetal, sobretudo em uma análise, já que nela está depositada concretamente uma expectativa terapêutica de alguma mudança em sua vida, que seria operada pela dupla (e, sabemos, isto envolve o amor transferencial), que seria um facilitar para que o processo transformacional ocorra. Mas, mesmo através do ódio, o analisando estaria a buscar uma relação de desenvolvimento de seu idioma no analista. O importante é o analista perceber quando está sendo tomado como um objeto paradigmático, no sentido de estar representando algo ou alguém da vida infantil na narrativa da sessão, ou quando está sendo usado de alguma maneira despojada disso, servindo de uma maneira mais criativa ao idioma do analisando.

Como sabe o analista distinguir um uso que o self verdadeiro faz dele de um uso paradigmático? A resposta, penso, encontra-se na informação interna fornecida na contratransferência. Quando um analista é usado para expressar uma paradigma proveniente de uma relação objetal, ele é coagido a entrar em um texto de relação objetal e lhe é atribuído uma certa identidade permanente como um objeto. Ele está “preparado” para desempenhar parte na conclusão de um papel que veio a se tornar um paradigma operacional do ego. No entanto, quando isso não ocorre, quando surge nele um elemento para ser usado e em seguida abandonado pelo paciente (sem nenhum objetivo de estabelecer o objeto como parte da lógica), então, a meu ver, é mais provável que essa ocorrência seja um movimento do self verdadeiro para a sua experiência por meio do objeto.²⁹

Resumidamente: o *idioma* influencia todos os movimentos psíquicos e depende do uso do objeto para desenvolver-se. Há um ponto originário herdado, mas as relações com o ambiente acabam por se tornar, inclusive, mais centrais para o desenvolvimento estético-saudável do idioma. É uma tarefa árdua escrever sobre este conceito sem que se evoque todo o arcabouço conceitual de Bollas, mas espero ter evocado o suficiente para um primeiro entendimento e que este texto sirva, de alguma maneira, como introdução a este conceito e ao complexo pensamento do autor.

Referências

- Bollas, C. (2002) Christopher Bollas, Interviewed by Anthony Molino. In: *The Vitality of Objects: Exploring the Work of Christopher Bollas*. Ed. Joseph Scalia. London: Continuum. p. 179-222.
- Bollas, C. (2007) *Momento freudiano* / tradução Rafael Zeni – São Paulo: Roca, 2013.
- Bollas, C. (1989). *Forças do destino: psicanálise e idioma humano* / tradução de Rosa Maria Bergallo – Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- Bollas, C. (1987). O objeto transformacional. In: *A Sombra do objeto: psicanálise do conhecido não pensado* / tradução de Fátima Marques – São Paulo: Escuta, 2015.
- Bollas, C. (1987). O conhecido não-pensado: primeiras considerações. *A Sombra do objeto: psicanálise do conhecido não pensado* / tradução de Fátima Marques – São Paulo: Escuta, 2015.
- Bollas, C. (2000). *Hysteria* / tradução de Monica Seincman – São Paulo: Escuta, 2000.

²⁹ Bollas, C. (1989, p.30)

- Bollas, C. (1992). Sendo um personagem / tradução de Suzana Menescal de Alencar Carvalho; revisão técnica de José Outeiral – Rio de Janeiro: Revinter, 1998.
- Freud, S. (1918[1914]). História de uma neurose infantil. In: **Obras completas** – vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1917). Conferência XXIII. In: **Obras completas** – vol. XV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1924). A dissolução do Complexo de Édipo. In: **Obras completas** – vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1923). O ego e o id . In: **Obras completas** – vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1939[1934-1938]). Moisés e o Monoteísmo. In: **Obras completas** – vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1913). Totem e Tabu. In: **Obras completas** – vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1926). Inibição, sintoma e angústia. In: In: Obras Completa – vol. XVII. São Paulo: Cia das Letras, 2014.
- Freud, S. (1915). O Inconsciente. In. Escritos sobre a psicologia do Inconsciente, V.1 – Obras Psicológicas de Sigmund Freud / tradução de Luiz Hanns. São Paulo: Imago, 2004.
- Winnicott, D.W. (2000) Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas. Trad. D. Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago.